

# Vivências em pauta: a história de jornalistas negros

*Seis jornalistas negros, atuantes em redações do Distrito Federal, contam suas histórias de vida. Dos mais velhos aos mais novos, todos possuem trajetórias diferentes. São caminhos marcados pela superação de preconceitos.*

Arquivo pessoal



O sorriso vitorioso de José Francisco de Assis

Um telefonema, primeiro contato. Do outro lado da linha, a voz desconfiada de José Francisco de Assis. Com 61 anos, o jornalista, no conforto residencial, parecia não acreditar no que ouvia. Um convite para ser personagem de uma reportagem é algo que jamais passou pela cabeça de Chiquinho, um dos muitos apelidos carinhosos que ganhou durante a carreira. Sem titubear, aceitou realizar a entrevista que o colocaria como um dos protagonistas da reportagem sobre jornalistas negros das redações jornalísticas do Distrito Federal.

Em um ambiente de muitas dúvidas por conta da pandemia provocada pela SARS-Covid-19, Assis logo perguntou se a entrevista seria realizada virtualmente. Ao ouvir a resposta positiva, não esmoreceu. Mesmo acostumado com a época manual, onde a tecnologia era um privilégio de poucos, fuçou no smartphone e conseguiu instalar o aplicativo para realização do encontro. Ingressou na reunião online e, saudosista, informou: “Essa entrevista me lembra da época em que eu fazia gravação ao vivo. Um tempão que não faço, tremia igual vara verde.”

Na trajetória de vida de José Francisco de Assis, histórias não faltam. Nascido e criado no subúrbio do Rio de Janeiro ao lado de uma irmã e um irmão, contou apenas com o apoio materno. Realizou todo o período escolar em escola pública, numa época, início dos anos 1980, em que a disparidade educacional entre as escolas particulares e públicas era contundente. Mesmo assim acreditava no sonho de frequentar o ensino superior. “Minha mãe sempre prezou pela educação dos filhos. Ela dizia que o estudo ia ser a nossa arma e que era o único legado que poderia deixar para nós”, conta.

E ele conseguiu. Foi aprovado em Comunicação Social no vestibular da extinta universidade particular carioca Gama Filho - apelidada de “Grana Filho” por conta dos altos valores de mensalidade no início da década de 1980. Como fazia atletismo, ganhou uma bolsa atleta que ajudava a mãe no pagamento das exorbitantes taxas mensais. Entretanto, como aluno negro em um ambiente de elite, logo notou as diferenças.

“Encontrei outro tipo de convívio estudantil, tinham músicos e artistas na sala de aula. Além disso, só tinha eu e mais um colega negro em uma sala de aula com cerca de cem alunos. Ali já me senti um pouco diferente, principalmente naquela época.” Apesar dos o-

lhares diferentes, a maior dificuldade para a formação aconteceu quando José Francisco perdeu a bolsa atleta. Roteiro perfeito para mais um abandono no ensino superior. Mas não. Um corte de custos aqui, contas atrasadas ali e ele conseguiu se formar em Jornalismo, opção que escolheu para a vida.

No Rio de Janeiro, teve passagens pela Rádio Nacional e pela Assessoria da Prefeitura do Rio. Após a graduação, mudou-se para Brasília, onde passou pelas redações do Correio do Brasil e do Correio Braziliense. O ponto alto da carreira veio com a cobertura nacional realizada na Radiobrás - atualmente incorporada na Empresa Brasil de Comunicação (EBC) - por mais de 20 anos e depois na Rádio Senado.

A muito tempo na trajetória jornalística, acumulou empregos. Chegou a trabalhar em três veículos diferentes como forma de angariar dinheiro rapidamente. Cheio de energia e jovem, tudo era lindo. Atualmente, após 35 anos dedicados ao jornalismo, encontra-se desempregado. Emocionado, relembra dos bons momentos e da carreira que construiu. "Tive excelentes colegas e editores de trabalho. Venho do chamado jornalismo raiz. Peguei o final do jornalismo da ditadura, estudei muito a imprensa marrom. Foi uma carreira fantástica."

A vida no Jornalismo, entretanto, não foi fácil. Mesmo com um currículo respeitável, sofreu muito na profissão por ser negro. Nos anos 1980 e 1990, o preconceito era marcante, presente e sentido na pele - e no coração. Como repórter em redação, teve poucas oportunidades de fazer apurações externas. Em uma dessas passagens pelas redações cariocas, após o relato de um tiroteio, o chefe de redação realizou uma brincadeira que ficou marcada na memória do repórter.

"Aconteceu um tiroteio no Morro Santa Marta e dentre os estagiários e jornalistas tinham muitos brancos. Então, o chefe de redação falou: a pauta é do Zé Francisco. Na época, eu fazia um programa de entrevistas com cantores, entrevistava nomes como Tim Maia e Chacrinha. Não tinha sentido realizar essa cobertura. A justificativa dele foi que não colocaria as repórteres brancas, loiras, bonitas, de salto alto, para subir o morro e que eu, como era suburbano, deveria ir para não arrumar problemas. Todos os presentes riram, em um clima quase amigável."

Nas coberturas presenciais de Congresso Nacional e Ministérios, notava a diferença nas pautas que recebia quando comparadas a dos colegas de profissão brancos. Dentre as diversas passagens de preconceito e racismo relatadas, José Francisco de Assis destaca uma passagem que aconteceu enquanto repórter televisivo.

"Eu tinha como recurso, para evitar situações constrangedoras, colocar o crachá e segurar o microfone da emissora para logo me identificar como repórter. Em uma cobertura nos Ministérios, estava sentado no hall esperando para realizar uma entrevista com um ministro. Avisei a secretária que aconteceria a entrevista e ela ficou esperando pelo repórter, sem imaginar que, na verdade, era eu. Depois, quando chegaram os cinegrafistas, a secretária foi até um deles informar que o repórter poderia entrar. Neste momento, o meu colega informou para ela que eu era o repórter e já estava esperando.

A secretária ficou sem graça e constrangida. Eu também. Essa foi uma das muitas vezes que passei por isso.”

## "Ela ficou esperando pelo repórter sem imaginar que era eu"

- José Francisco de Assis

O jornalismo não era um lugar para os negros. Mas Assis reverberou. Passou pelas dificuldades e construiu uma bela trajetória. Hoje, agradece ao jornalismo por todos os ensinamentos e aprendizados. “Feliz por ter vivido tantas experiências bacanas. Tive diversos estagiários que hoje vejo na televisão, na rádio e me emociono. Feliz por ter minha história reconhecida.”

### Jornalismo que faz voar

Em meio a uma semana agitada, Jorge Luiz Vasconcellos, 59 anos, atendeu o celular pela primeira vez. Após escutar sobre o projeto, perguntou como funcionaria. Acostumado com a utilização do aplicativo de chamada virtual, aceitou realizar a entrevista. O empecilho, no caso, era encontrar um momento de tranquilidade no meio da caótica rotina de redação, mesmo trabalhando em casa. Optou pela segunda-feira, julgando ser o dia “um pouco mais tranquilo”. No dia combinado, exatamente às 12h, hora



De máscara, Vasconcellos na redação do Correio Braziliense

Arquivo pessoal

do almoço, entrou na chamada virtual. Por fazer parte do grupo de risco, não estava na redação do Correio Braziliense. O iminente perigo de contaminação com o SARS-Covid-19 no ambiente de trabalho afastou o jornalista do trabalho presencial.

Tranquilo e sereno, o carioca não é um homem de meias palavras. Na entrevista, foi direto ao ponto e logo explicou o diferente percurso que fez para chegar na profissão atual. Deixou o Rio de Janeiro no início da década de 1980, quando passou no concurso da Escola de Especialistas da Aeronáutica (EEAR) e foi estudar em Guaratinguetá. Após dois anos de formação, veio para Brasília como Sargento da Aeronáutica na função de Controlador de Voo.

Independente e com a estabilidade funcional da vida militar, decidiu que era o momento de movimentar as coisas. Logo no primeiro ano na capital, iniciou a graduação em Jornalismo no CEUB. “Pagava o curso com tranquilidade. Eu era um dos poucos negros, era minoria mesmo, mas minha relação com a turma era muito boa. Foi uma experiência ótima”, relembra. Assim que terminou o curso, desligou-se do militarismo para dedicar o tempo de trabalho às funções jornalísticas.

“Entrei no jornalismo e o mundo se abriu. No militarismo era tudo muito fechado.” Estagiou na TV Globo, onde produziu reportagens para o DFTV, mas gostava mesmo de escrever. Teve a primeira passagem como repórter pelo Correio Braziliense logo após se

formar. Depois teve uma passagem pelo Jornal do Brasil e então ficou onze anos na Assessoria do Ministério da Saúde e seis anos no Conselho Nacional de Justiça.

Sem perder a gratidão pelas portas que o jornalismo abriu, Vasconcellos afirma que, por viver em um país preconceituoso, precisa ter um esforço três vezes maior que o colega de profissão branco para ser reconhecido. A categórica fala, que muitas vezes é romantizada, vem acompanhada de um forte relato de preconceito pelo qual o jornalista passou durante a cobertura das eleições presidenciais de 1994, que realizou em Salvador.

“Fiz uma cobertura legal, com furos de reportagem e a notícia da eleição de Fernando Henrique Cardoso. Voltei para a redação na segunda-feira, feliz com o meu trabalho e o retorno positivo dos 15 dias que fiquei em Salvador. Assim que cheguei, o diretor gritou, no meio da redação: Jorge, sua matéria está uma merda, uma porcaria. Me deu uma bronca e todos olharam. Eu respondi que não tinha feito matéria para aquele dia. Fui conferir e a matéria não era minha, era puxada de agência e meu editor havia publicado. Reuni informações, comprovei que a matéria era da agência e fui conversar com o chefe de redação. Na conversa ele não me pediu desculpas. Depois, estava conversando com uma colega quando ele chegou. Eu saí de perto, já estava estressado. Então, ele perguntou se eu me afastei porque ele tinha chegado. Naquele momento eu senti um preconceito, enxerguei o preconceito dele comigo. No mesmo dia pedi demissão para o editor de política e fui demitido.”

## "Senti um preconceito, enxerguei o preconceito dele comigo. No mesmo dia pedi demissão"

- Jorge Luiz Vasconcellos

Atualmente, na terceira passagem pelo Correio Braziliense, como repórter das editoriais de Brasil e Política, Jorge Vasconcellos é um dos prestigiados e reconhecidos jornalistas de Brasília. Ao longo dos 30 anos de carreira, realizou matérias internacionais na Alemanha e no Caribe e conta com uma série de coberturas e publicações que seriam motivo de orgulho para qualquer um. Mas isso não sobe a cabeça.

A felicidade do jornalista com a maior presença de negros nas redações é reconhecível na voz, em uma mistura de orgulho e cobrança. Orgulho por contar com duas companheiras negras, bem posicionadas, na redação do Correio Braziliense. Cobrança por saber que o número pode ser maior. E, mesmo à distância, a emocionante reflexão sobre o potencial da população negra no Brasil, por Jorge Vasconcellos, ganha as páginas desta reportagem.

“Acompanhei o julgamento do Supremo Tribunal Federal sobre as cotas raciais. Sempre fui a favor, mas queria ter embasamento. Um ministro disse que o vestibular, para ascensão social, não é justo porque o estado brasileiro gasta bilhões de reais com univer-

sidade pública para pessoas ricas. Realmente, o pobre dificilmente vai conseguir passar porque não estudou nos melhores colégios. E interessa ao Brasil manter isso? O potencial da população negra é bom, mas falta educação de qualidade. Hoje, cerca de 70% dos jovens mortos são negros. Daí vem a importância das cotas raciais. Não estamos tirando o espaço do branco, é apenas uma competição em igualdade de condições. A cota foi feita para isso. Não podemos manter a universidade pública para pessoas ricas. O esforço do negro é triplicado e o preconceito faz a gente superar barreiras”, reflete.

## Liberdade jornalística



**Marcello Corrêa, depois da mudança de estilo**

O preconceito existente com o cabelo grande da pessoa negra, independente do estilo - dreadlocks, tranças, black power -, traz grande insegurança para o negro. Com Marcello Henrique Santos Corrêa da Silva, não foi diferente. Acostumado a usar o cabelo raspado na máquina zero, muito por conta da aceitação dentro da profissão, demorou a mudar e aceitar o novo estilo. Assim que ingressou na reunião criada para a entrevista, Marcello Corrêa, de 31 anos, ligou a câmera sem hesitar. Lá estava ele, sentado em frente ao computador com seu cabelo black, muito bem cuidado, motivo de orgulho para o jornalista.

Na mesma semana em que realizou a entrevista, o jornalista fez uma aparição ao vivo na televisão, no programa Roda Viva, ostentando o novo e belo estilo de cabelo. “Foi a primeira vez que eu fiz uma aparição, em vídeo, usando o cabelo grande. Parece um detalhe, mas, é algo que me deixa feliz. Foram vários meses de identificação com uma nova imagem. Sempre usei máquina zero e isso é significativo. Assumir o cabelo black é um grande processo”, conta.

Mas, antes de chegar ao programa Roda Viva, Marcello Corrêa, nascido e criado em Cavalcanti, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, morava com a mãe e a irmã. Estudou em escola particular “graças a bolsas e descontos” e conseguiu ser aprovado no vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde optou por cursar Jornalismo. Logo que chegou, foi impactado com a disparidade racial.

“Era uma questão que eu percebia na escola. Eu era um dos poucos negros da sala, mas na universidade isso ficou mais presente. Em um dos primeiros dias, uma das alunas brancas comentou que o avô dela estudou lá e isso me chamou atenção porque meus avós e meus pais não chegaram lá. Eu faço parte da primeira geração da família que chegou na faculdade. Em uma turma de 100 alunos, no máximo três negros. Isso era uma questão muito presente, assim como o racismo recreativo, quando se dizem coisas revestidas como piadas”, afirma.

A distância também era uma dificuldade para Marcello Corrêa. Somente de transporte público, pegava quatro ônibus e dois metrô para ir e voltar da universidade. Mas, como de costume na trajetória, ele superou as dificuldades. No último ano de curso, foi aprovado no estágio do Globo. Depois de formado, ficou um ano no jornal trabalhando em diversas editorias e então foi chamado para ser trainee em na editoria de Economia, onde foi efetivado como repórter.

Segundo ele, quando entrou, percebi que era um reflexo do que eu via na universidade. "Os estágios e processos focam nas universidades principais, então as redações são de maioria branca. Na minha turma de estágio, de 12 pessoas quatro eram negras. Um ponto fora da curva do que normalmente se vê. Os jornais como um todo estão mais atentos para essa questão da diversidade, está cada vez mais no radar, mas ainda estamos muito longe".

Por conta da profissão, veio morar na capital em 2018, quando surgiu uma vaga na editoria de Economia da sucursal brasiliense. De cara, logo sentiu as diferenças de cobertura jornalística com as famosas "portarias" e as coberturas presenciais realizadas pelos jornalistas, tornando a apuração dentro das redações menos comuns. "É uma cobertura mais intensa. Aqui, uma frase viraliza e muda a edição do jornal", conta.

Em uma ocasião específica, no Congresso Nacional, o jornalista foi confundido com um segurança por estar de terno, esperando por algum acontecimento no corredor do prédio do Poder Legislativo. "No pensamento das pessoas faz mais sentido o negro ser um segurança do que um repórter", diz.

## "No pensamento das pessoas faz mais sentido o negro ser um segurança do que um repórter"

- Marcello Henrique Santos Corrêa da Silva

A questão da identificação é um problema que muitos jornalistas negros passam. Marcello Corrêa, hoje, é uma referência para os negros dentro do jornalismo. Não somente pela sua cor, mas também pela história que carrega. É um representante do povo dentro do jornalismo. Por isso, a aparição em rede nacional, fresca na memória, é retomada aqui como motivo de boas lembranças e esperança para o jornalista. "Quando fui chamado para o Roda Viva, vi a questão da representatividade por ser um repórter negro naquela bancada histórica. Perguntei sobre o auxílio emergencial e uma colega familiar me ligou, após o programa, para agradecer, simplesmente por se identificar com a pergunta. Essa reflexão sobre o papel, sobre o posicionamento, também é um processo que vai se desenvolvendo para nós negros. É um tipo de situação que me deixa muito feliz. É uma alegria representar as pessoas através do jornalismo", conclui.

## Doutor, sim senhor

André Ricardo Nunes Martins, de 54 anos, é natural de Caruaru (PE), mas foi criado em São Luís (MA) ao lado dos quatro irmãos. Desde pequeno, teve que lidar com a pressão de uma forma natural. De acordo com ele, a pressão veio da sociedade, por vir de família pobre e ser tido como inteligente. Na rua em que morava, era mais inteligente do que os colegas. E sua vida tinha um plano desenhado: passar em uma universidade federal e cursar comunicação.

Motivado pelo prazer de escrever e pelo gosto por poesias, escolheu a graduação em Comunicação Social sem saber que, futuramente, terminaria em uma escolha com a opção de Jornalismo. Talvez pela pressão, talvez pela inexperiência com concursos, não foi aprovado no primeiro vestibular por rasurar a redação. Na segunda oportunidade, determinado, conseguiu entrar para Universidade Federal do Maranhão (UFM). A partir deste momento, o ambiente acadêmico e a vida de André Martins não se separaram mais.

Formado com honras na graduação, aventurou-se e decidiu vir para a Universidade de Brasília (UnB) realizar o mestrado em Comunicação, no início da década de 1990. Após a conclusão da dissertação, a vida intercalou idas e vindas entre Maranhão e Distrito Federal até 1997, quando foi aprovado no concurso para TV Senado.

E foi essa estabilidade que impulsionou a vida do repórter. Em 2001, o jornalista teve a oportunidade de realizar o curso de doutoramento em Linguística, na UnB. Em 2003, passou um temporada de estudos na Europa. Barcelona foi a cidade escolhida para aprofundar a tese sobre o discurso da imprensa sobre a política de cotas para negros.

Sobre uma consciência negra, ele afirma, de forma sincera que não possuía. Foi um processo de construção e aceitação como homem e negro. “Sou de um tipo mestiço, moreno claro como se diz no Brasil. Peguei essa coisa do brasileiro de que negro é apenas preto retinto. Em casa, sempre respondemos o Censo como pardos, mas não tínhamos a consciência de ser negro. Havia certo incômodo pelo formato do nariz, do cabelo, mas nada demais. Minha consciência de negritude é uma coisa recente, do século XXI, quando, no doutorado, comecei a pesquisar sobre a imprensa e o processo democrático no Brasil”, afirma.

Esse despertar foi essencial para uma mudança ainda mais profunda: a influência na vida de outras pessoas. A partir do momento em que se identifica como homem negro e começa a entender as diferentes vivências, faz-se necessária um compartilhamento de tamanho conhecimento adquirido como doutor. É com orgulho que André Martins conta sobre a auto aceitação e a criação de um marco no jornalismo brasileiro.

Segundo ele, a cobrança e a responsabilidade política de uso do conhecimento com a questão racial foram as chaves para a criação do núcleo inicial da Comissão dos Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira). Como membro da Cojira, realizou, ao lado dos outros membros, trabalhos para o reconhecimento dos negros dentro do jornalismo. Atual-



O jornalista pernambucano é doutor em Linguística

mente, continua a trabalhar na TV Senado como apresentador e produtor. Feliz e contemplado, sente-se em casa no Senado. O local conta com um núcleo de promoção de equidade racial e muitos profissionais negros espalhados na área do rádio, do site e da televisão.

## "Ainda há muito a ser feito, mas estamos evoluindo e discutindo"

- André Ricardo Martins Nunes

Proveniente de uma época em que o jornalismo era mais preconceituoso, o jornalista enxerga avanços. O recado, entretanto, é para que a luta continue. "Ainda há muito a ser feito, não podemos dar de barato apenas pela chegada da democracia, mas estamos evoluindo e discutindo. Essa profissão é um aprendizado muito grande. Me sinto contemplado", finaliza.

### **Uma nova geração**

Cinco minutos e algumas mensagens trocadas via smartphone foram o suficiente para Mateus Souza Maia, de 24 anos, aceitar se tornar um dos entrevistados desse projeto. Antes de dar a resposta positiva, logo pensou em indicar nomes mais experientes, de jornalistas mais rodados no mercado de trabalho, mas percebeu que, mesmo jovem, também faz parte da classe jornalística.

Mateus Maia é de Belém do Pará. Sempre teve a presença de pai e mãe dentro de casa, bem como o melhor em questão de educação. "Estudei em escola particular e sempre fui bom aluno no colégio. No ensino médio fui para um ensino específico para universidades de fora do Estado", lembra. Com a ideia fixa de cursar Jornalismo, entrou em uma turma especial com foco para Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Foi aprovado em três universidades, incluindo a UnB. Com familiares que residem em Brasília, a capital foi a escolha certa para o paraense, que aos 18 anos, começou a cursar jornalismo. Dentre os medos que rodeavam seus pensamentos, um deles era o de assumir que utilizou o sistema de cotas raciais para entrar na universidade, visto que não se sentia parte do ambiente universitário. "Nunca me senti parte. Tinha vergonha de assumir que entrei com cotas, mas depois, com mais segurança, deixou de ser um tabu. Mas esse processo demorou, porque a maioria dos meus amigos era branca", revela.

A chegada ao Distrito Federal e a entrada no ambiente universitário, por outro lado, abriram a mente do paraense para assuntos e temáticas relacionadas aos negros. A questão racial é um tipo de discussão que não é tratada com relevância. Até que ela se faça presente na sua vida.

"No Pará, isso não era um assunto tratado. Aqui em Brasília é uma realidade totalmente diferente. Quando cheguei, morava em Águas Claras, uma parte boa da cidade. Por lá, a maioria dos negros estavam trabalhando em serviços gerais, mercados. Isso era bizar-

ro. Na UnB, com discussões sobre esses temas, abri meus olhos. Foi um aprendizado muito grande”, explica.



Mateus Maia, graduado na UnB, é repórter do Poder 360

Com 24 anos, já conta com experiências profissionais profundas. Foi na passagem pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) que teve o primeiro contato e aprendeu sobre política e economia. Depois, foi aprovado no processo seletivo da sucursal da Reuters em Brasília e tornou-se estagiário da editoria de Economia, onde realizou o trabalho de repórter iniciante, com a cobertura do governo de Michel Temer, das Eleições Presidenciais de 2018 e do governo de transição. “Tive matérias assinadas e ganhei vi-

sibilidade. Os textos foram publicados no The New York Times. Esse estágio me abriu portas”, rememora.

Quando chegou ao fim do curso de Jornalismo, surgiu uma vaga para repórter no Poder 360. Pela agência, atualmente faz a cobertura do Senado Nacional. Os colegas de imprensa que fez nas coberturas diárias o indicaram e ele foi contratado dois meses antes de se formar. Um mês depois de se formar foi efetivado como repórter. Segundo ele, existem questões raciais presentes no dia a dia da profissão, mas o contexto é de melhora. No portal, por exemplo, existem iniciativas para contratar repórteres negros. “Pelo que vejo da cobertura nacional, as pessoas negras no jornalismo em Brasília são a minoria. Não é uma questão falada e não somos tratados de forma diferente, nem pelas autoridades nem pelos jornalistas, mas somos a minoria. Por outro lado, a representatividade existe. De seis repórteres que trabalham na minha editoria, dois são negros. Na redação isso virou uma preocupação a ponto da chefia procurar novos repórteres e redatores e pedirem indicações de colegas negros”, afirma.

## "Tive matérias publicadas no The New York Times"

- Mateus Souza Maia

Hoje, o jornalista se sente realizado por ter chegado a uma posição de respeito e muito sonhada. Acredita que teve sorte por nunca ter sido alvo de preconceito ou racismo de forma direta, mas não deixa de afirmar que atitudes acontecem a cada momento.

## Raízes do Distrito Federal

Willian Matos Ferreira, de 25 anos, nasceu na cidade de Santa Maria, localizada há 30 quilômetros da capital federal. Foi do chão de barro vermelho e das memórias dos anos na escola pública que sua carreira foi formada. Quando saiu da escola, ingressou em Jornalismo na Universidade Paulista (UNIP), por meio do programa de Financiamento Estudantil (FIES). A oportunidade de estar no ensino superior, por si só, representava outro patamar na vida do jornalista. Ele lembra que no começo achou o ambiente acadêmico muito estranho. “Me sentia deslocado”, relata.



Arquivo pessoal

Willian Matos na cobertura da Supercopa do Brasil em 2021

Atualmente, o jovem trabalha no Jornal de Brasília nas editorias de Cidades e Política. Amante de futebol, fez a cobertura do Mundial Sub-17 em Brasília. Trabalha também no portal DF Sports com a cobertura do futebol candango. Entrevistou jogadores que são ídolos. E está na busca da realização de mais sonhos.

A partir dos textos que escreve, busca enaltecer a cultura do negro. Como homem negro dentro da redação, alerta os colegas de redação sobre a utilização de termos racistas e explica por que devem ser evitados. Mesmo sem experiências agressivas, sabe que o preconceito está presente no olhar e no tratamento. “Racismo é racismo, independente da maneira. A gente passa em um corredor e a pessoa encara como se você fosse diferente daquele ambiente. Nem todos vão notar, mas conforme a gente aprende, conseguimos entender o que é ou não.”

**"Racismo é racismo,  
independente da maneira"**

- Willian Matos Ferreira

Por conta disso, o jornalista rege o próprio comportamento com relação às roupas que usa. O cabelo black power não é modificado por medo da interpretação errada das pesso-

as. Seguir o padrão pré-determinado pela sociedade é uma forma de defesa natural, diante da realidade em que vive. Todos têm espaço para errar e corrigir. Todos têm direito a uma segunda chance. O negro não. Ele diz que deu sorte de até hoje não ter cruzado com chefes ou pessoas que tentaram me moldar. “Precisamos ter a liberdade para ser quem quisermos”, afirma.

## "Precisamos ter a liberdade para ser quem quisermos"

- Willian Matos Ferreira

Willian Matos enxerga a vida de forma exponencial, onde a presença dos negros diminui conforme o nível de escolaridade aumenta. Depois de completar o ensino superior e adentrar no mercado de trabalho, deixou a casa onde nasceu, em Santa Maria, e hoje vive no Guará. A ambição de ser melhor a cada dia se relaciona com o poder de representatividade e referência como homem negro. “O patamar que a profissão dá me deixa bem feliz. Sou muito ambicioso, ainda muito novo. Estudei, tenho o meu trabalho, tenho minha casa, conheci lugares incríveis. Me sinto muito privilegiado por ter chegado até aqui, sei que ainda há muito o que fazer”, reflete.